

LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Pedagogia Intercultural



Editores:

Capa: Mandala “Diversidade Intercultural etnocoletiva” é de composição da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Mônica Cidele da Cruz

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C659I Cocco, Marta Helena.

Literatura infantil brasileira: pedagogia intercultural /
Marta Helena Cocco e Isaías Munis Batista. – Cuiabá:
VT Print, 2020.

40. p. (Caderno Pedagógico Intercultural, 2).

ISBN: 978-65-00-14576-2

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Infantil. I.
Batista, Isaías Munis. II. Título. III. Título: pedagogia
intercultural.

CDU 7:37(817.2)

Apresentação

Olá, prezado(a) acadêmico(a),

Por causa da pandemia, nosso contato está sendo feito desta forma: remoto e por escrito.

Somos dois professores nesta disciplina, Isaías Munis Batista e Marta Helena Cocco. No final do caderno, há uma minibiografia nossa e uma foto.

Por aqui, expressamos nossa alegria e prazer de compartilharmos estudos sobre este tema tão importante: a literatura na infância.

Antes de perguntar a você como é a infância em sua comunidade, vamos apresentar um texto que fala um pouquinho sobre a infância no Brasil, nos meios urbanizados e de povos não indígenas, e como a literatura para crianças surgiu, para que você possa fazer um paralelo.

Vamos lá?

UNIDADE I – LITERATURA INFANTO - JUVENIL COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA: FICÇÃO, FANTASIA E REALIDADE

Texto introdutório sobre a infância e a literatura infantil no Brasil

A infância é um conceito bastante recente. Se conversarmos com as pessoas mais velhas, ou lermos as memórias de quem nasceu no começo do séc. 20, veremos que nem todas tiveram experiências como as que as crianças têm hoje. As pessoas do meio rural, principalmente. Quando crianças, ajudavam a cuidar dos irmãos mais novos e, em seguida, já ajudavam na lida da roça e da casa. Criança não era muito considerada, havia um ditado que dizia: “criança não tem querer”. Com o tempo, isso foi mudando, e a escola também, pois livros começaram a ser pensados, especialmente, para as crianças.

Segundo a pesquisadora Natália Vieira, da UFMG, em 1894, houve a primeira produção de livros para crianças. Naquele ano, Figueiredo Pimentel lança, pela Livraria Quaresma, os Contos da Carochinha, obra que divulga histórias de Charles Perrault, irmãos Grimm e Hans C. Andersen.

Na virada do século 19 para o 20, a produção no Brasil continuou sendo, em sua maioria, de traduções e adaptações, mas já havia uma preocupação em promover uma literatura voltada para questões nacionais e com finalidade educativa. Um dos grandes difusores dessa tendência foi Olavo Bilac que, entre as obras voltadas para crianças, publicou Poesias Infantis, em 1904. “Essa literatura era eminentemente didática e veiculava, na verdade, o sentimento que a sociedade e a família tinham em relação à função da literatura infantil”, aponta a professora de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM) Alice Áurea Penteado Martha. Em 1921, Monteiro Lobato publica Narizinho Arrebitado e distribui exemplares da obra para escolas públicas do estado de São Paulo. O escritor dedicou especial atenção ao segmento infantil, atuando tanto na escrita de histórias como na fundação de editoras. Sua importância para a literatura infantil é evidente: Lobato entendeu “que a literatura para crianças não deve ser educativa, moralizadora, mas uma produção para o encantamento”, afirma a pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha.



Figura 1: Personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo (reprodução da imagem contida na reportagem em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/personagens-do-sitio-do-picapau-amarelo-criaram-novos-valores-familiares-em-favor-da-liberdade.phtml>)

Nos anos 1930, surgem novos autores, como Viriato Correia, Cecília Meireles e tantos outros que escreveram poemas e histórias infantis. A literatura infantil brasileira dessa época tinha “uma preocupação de valorizar o folclore nacional, a cultura brasileira, e está muito próxima dos ideais do modernismo”, afirma a professora e pesquisadora Regina Zilberman.

Do rural ao urbano

Nos anos 1940 e 1950, o novo desafio era manter uma continuidade na produção de livros e construir um público leitor. As editoras e os escritores estavam se profissionalizando, e a produção se tornou mais intensa. Para ampliar essa produção, as editoras optaram pela solução considerada mais prática, voltando a investir em traduções e adaptações. O Brasil estava deixando de ser um país rural, porém, havia os defensores da agricultura como sustentadora da economia do país, e isso se refletiu nas muitas histórias infantis ambientadas em sítios e fazendas e, especialmente, sobre o café.

Com a decadência dessa política econômica, foi inevitável que a temática centrada no rural deixasse de ser explorada e, a partir da década de 60, as histórias ganham as cidades. Segundo Zilberman, a literatura infantil assume, nessa época, uma temática

urbana e passa a valorizar elementos políticos, dando destaque a sua condição emancipadora. Escritores renomados como Mário Quintana, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector se interessam por escrever para o público infantil e, na década seguinte, despontam outros grandes nomes, como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

De 1980 para cá

Fazendo um balanço dos últimos trinta anos, Marisa Lajolo destaca “a presença de temática e linguagem bastante articuladas com a contemporaneidade e um espetacular desenvolvimento da dimensão visual dos livros.” Quanto a isso, a professora ainda ressalta: “Não por acaso, o Brasil por três vezes recebeu o maior prêmio internacional para o gênero: Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado e Roger Melo foram contemplados com o prêmio Hans Christian Andersen, uma espécie de prêmio Nobel Infantil.

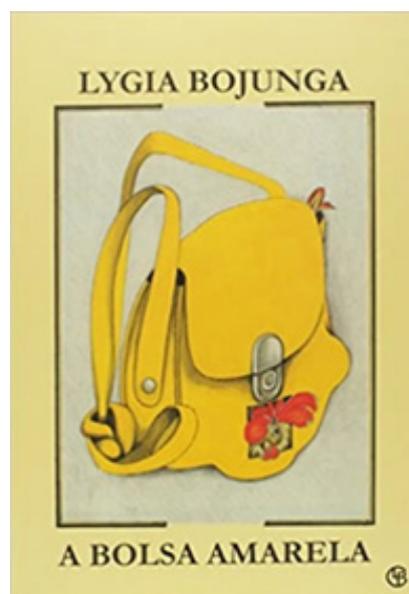


Figura 2: Capa do livro A bolsa amarela. Um dos livros infantis brasileiros mais famosos.

Sobre o momento atual, Regina Zilberman afirma: “a literatura infantil tem resolvido bem, até melhor que outras formas de linguagem verbal, a relação com os novos suportes. De um lado, ela pode circular em associação com outras mídias de comunicação de massa, como o cinema e o game, e de outra parte, ela se ajusta com

muita facilidade à produção digital, melhor do que qualquer outro gênero literário.” Por tudo isso, Zilberman acredita que o segmento avança em “uma nova fronteira muito importante e promissora”. (Livre adaptação do texto elaborado por: Por Natália Vieira. Fonte de consulta: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/historia-da-literatura-infantil-no-brasil.html>)

Esse texto que acabamos de ler é uma síntese da história da literatura infantil brasileira nos meios urbanos. Porém, não nos esqueçamos de que, nessa longa história, nem todas as crianças tiveram acesso à escola.

Outro ponto importante a se destacar é que, nos últimos anos, houve avanços na concepção de um ensino com perspectiva multicultural e isso possibilitou muitos livros com temas sobre as nossas matrizes afrodescendente e indígena. Autores negros e autores indígenas falam de seu lugar social. Na literatura infantil produzida por autores negros, entre tantos temas, destacam-se os dilemas vividos em função da cor da pele e do tipo de cabelo, afinal, o racismo ainda não foi erradicado. Na literatura produzida por autores indígenas, os temas giram em torno de narrativas e práticas culturais dos diferentes povos, provavelmente, com a intenção de registrar a cultura e fazer com as que as crianças do meio urbano a conheçam.

Agora, antes de prosseguir, queremos fazer uma pergunta a você, para aprendermos mais sobre a sua comunidade. **Como é ser uma criança indígena do povo a que você pertence?** Depois você vai ler uma bonita história produzida por um autor mato-grossense, nascido em Cuiabá.

Abaixo seguem algumas perguntas importantes que você precisa responder e enviar para nós, professores.

1) Qual o seu nome? Quantos anos você tem? A qual povo indígena você pertence?

2) Onde se situa sua comunidade?

3) A terra em que você vive está demarcada ou não? Se a resposta for SIM, desde quando?

4) Como acontece a união entre homens e mulheres na sua comunidade?

5) Com que idade, normalmente, as jovens mulheres engravidam?

6) Durante a gravidez, as mulheres recebem algum tratamento especial? Que tarefas elas desempenham?

7) Como acontece o parto das crianças?

8) Como é a alimentação das crianças?

9) Com que idade as crianças vão para a escola?

10) Como as crianças da comunidade brincam?

11) A que brinquedos as crianças têm acesso?

12) Quem brinca junto com as crianças?

13) Que tipo de crença existe e é passada para as crianças? De que forma?

14) Quais rituais, ou costumes, ou práticas culturais contam com a participação das crianças?

15) Se você lembrar de mais alguma coisa importante e que não foi perguntado, escreva a seguir.

Agora sugerimos a leitura de uma bonita história chamada: A fábula do Quase frito, escrita por Ivens Cuiabano Scaff.



Figura 3: Foto do autor

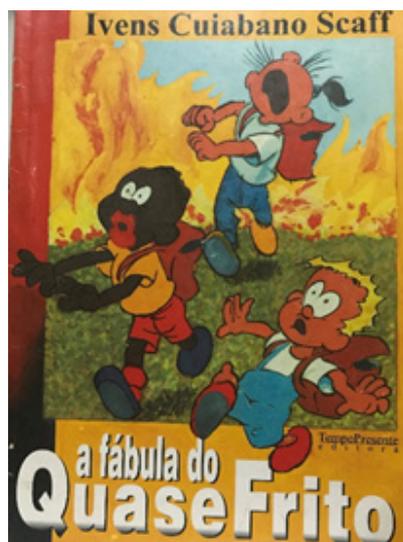


Figura 4: Capa do livro

Depois que você ler, vamos refletir sobre o texto? Ajude-nos, respondendo a estas perguntas:

a) A história possui dois planos. O primeiro, o que aparece prontamente à nossa vista, é o plano das queimadas que prejudicam a flora, a fauna e a natureza humana. E o segundo? O que mais podemos ler nesta história?

b) Se você respondeu anteriormente que a história propõe uma reflexão sobre as identidades, acertou. Nós nos identificamos como o que nos é semelhante, sempre tomando por base as diferenças. Se não houvesse as diferenças, não teríamos como comparar aquilo que definimos como nossas identidades. Qual foi o caminho que o pássaro “quase-frito” percorreu para descobrir quem ele era?

c) Sabemos que o Brasil tem vários povos originários. Como um povo indígena se distingue de outro?

d) Qual a importância de levarmos para a sala de aula, para as crianças, histórias que falem sobre a formação das identidades?

e) Você acha que a diversidade de histórias, sobre as mais diferentes culturas, pode ajudar a criança indígena a se situar melhor no seu mundo e no mundo como um todo? Ou você acha que a ampliação do conhecimento pode ser prejudicial? Justifique sua resposta.

UNIDADE II - ESTILOS LITERÁRIOS E SEUS USOS NA EDUCAÇÃO

Se olharmos para a história da literatura brasileira e para a história das literaturas de outros países, veremos que elas foram divididas em períodos para facilitar seu estudo. E que esses períodos são demarcados pelo tempo. As características de cada período foram levantadas por pesquisadores, lendo um conjunto de obras de determinada época e observando aquilo que se repetia, aquilo que chamava a atenção. Isso não significa que não tenha existido obras com características diferentes.

Assim, um determinado período literário costuma apresentar como características aquilo que as obras manifestaram sobre as principais ideias de uma sociedade, num determinado tempo. Às vezes, essas ideias são a favor de um pensamento dominante e dominador, às vezes, denunciam esse pensamento e dão voz aos oprimidos por ele. Geralmente a literatura é ensinada no ensino médio, nas escolas brasileiras, com base nessa historiografia. No ensino fundamental II, geralmente os textos literários aparecem nos livros didáticos com questões de interpretação, sobre a estrutura e de gramática. No ensino fundamental I, os livros são lidos de forma mais livre, ou em projetos temáticos.

Vejam como normalmente se divide a literatura brasileira por períodos:

Quinhentismo ou literatura de informação - textos escritos sobre os primeiros viajantes que chegaram aqui e retrataram suas impressões sobre o Brasil, a partir do olhar deles. Textos dos padres jesuítas que vieram com a missão de “catequizar” os povos indígenas. Essa catequização é muito criticada por pessoas que entendem que os povos indígenas não deveriam ter tido suas crenças desrespeitadas, assim como outras práticas culturais. Mas, na visão do europeu daquele tempo, as crenças de indígenas e dos povos africanos não eram boas, porque eles não tinham um Deus único. Esse é o problema de olharmos para o outro, a partir apenas das nossas crenças, dos nossos costumes, do nosso jeito de olhar. A infinidade de textos orais que circulava entre os povos indígenas não foi registrada por escrito.

Barroco - período em que portugueses que vieram para cá escreviam textos literários, baseados nos modelos copiados da Europa. Os textos dessa época refletem o pensamento cristão, os dilemas entre os católicos tradicionais e os que propuseram uma reforma na Igreja. O estilo dos textos é carregado de enfeites e voltas, expressando as dúvidas que permeavam os sentimentos.

Destacam-se, nessa época, os sermões do Padre Antônio Vieira. Eram textos em prosa lidos em voz alta nas missas e direcionados aos colonizadores. Em alguns dos textos, pode-se ler que ele era contra a escravização dos indígenas, mas não era contra a escravização dos negros.

Arcadismo – foi um movimento que copiou outro movimento que se originou na Grécia. Defendia que uma vida feliz só seria possível se integrada à natureza. Vemos nos textos a figura do pastor de ovelhas, profissão que não tinha no Brasil. Também teve um forte viés de denúncia política, criticando os abusos da coroa de Portugal na cobrança de impostos. Foi muito forte em Minas Gerais, que na época era um grande centro de extração de ouro e pedras preciosas. Foi lá que ocorreu o famoso episódio da Inconfidência Mineira, quando Tiradentes foi enforcado.

Romantismo – este período foi um dos mais importantes da literatura. Coincidiu com a época em que houve um forte movimento político para que o Brasil se tornasse independente de Portugal. Então, podemos dizer que três linhas foram fortes. **A linha da literatura** que expressava o desabrochar da **individualidade**, e isso acontecia em boa parte do mundo, em que o “Eu” passou a se expressar, falar dos seus sentimentos, com maior ênfase. Também a **linha social**, nesse período específico, aqui no Brasil, é representada pela poesia engajada com a **libertação** dos escravos, especialmente, a de Castro Alves. E a **linha da nacionalidade**, em vários outros países, um pouco mais cedo, a literatura ajudou a criar os elementos que caracterizavam as **identidades nacionais**. Aqui não foi diferente. Como deveria ser a identidade brasileira? De acordo com o pensamento dominante, da elite da época, a identidade brasileira que encontramos nos livros de literatura se referia às “raças” fundadoras (atualmente, sabemos que esta não

é uma palavra apropriada para se referir à diversidade de povos, a partir de características físicas) assim:

a) **negro** – foi ocultado. Porque era considerado raça inferior. E ainda era escravizado.

b) **indígena** – foi idealizado. Como era o habitante genuíno, primitivo, precisava ser exaltado, mas desde que fosse descrito com valores que os colonizadores defendiam: a bravura e a lealdade. Esses mesmos valores encontramos na literatura dos cavaleiros da idade média da Europa. Eram os homens valentes, guerreiros fiéis que ajudavam os senhores feudais a manterem as suas propriedades. Isso pode ser visto nos romances de José de Alencar como O Guarani e Iracema. Em alguns poemas de Gonçalves Dias é que se vê a representação de vozes indígenas denunciando formas de violência, como por exemplo, em I-Juca Pirama.

c) **branco europeu**: era o modelo ideal, “civilizado”, destinado por “Deus” a dominar a natureza e povos considerados “selvagens” para construir uma nação e o progresso.

Realismo-naturalismo - um período representado pela literatura que se cansou das idealizações românticas e dos temas voltados para o “Eu”. Nesse período, depois da libertação dos escravos e com as cidades aumentando, surgem as periferias urbanas. A literatura dessa época faz uma crítica e ironiza os costumes da elite burguesa, como se vê em narrativas de Machado de Assis. Também denuncia as péssimas condições de vida dos pobres trabalhadores como se lê em O cortiço de Aluísio de Azevedo, romance que ilustra uma tese da ciência da época que dizia que o ser humano era produto do meio em que vivia.

Parnasianismo – um período paralelo ao realismo, que registra as produções em verso. Só era considerado poeta quem sabia manusear o verso, escrever nas formas tradicionais.

Simbolismo - também foi um período que registrou produções em verso. Os poetas dessa fase gostavam de usar símbolos para representar a realidade porque não acreditavam na proposta do realismo de que era possível descrever a realidade objetivamente.

Pré-modernismo - algumas produções são encaixadas nesse período, que é uma transição entre o passado e o modernismo.

Modernismo - Um período considerado revolucionário. Os escritores começaram a questionar a história brasileira contada nos livros, não de história, mas de literatura. E defendiam os seguintes princípios:

- O Brasil é muito grande. É plural, tem muita diversidade, não pode ser contado como uma história única e idealizada;

- É preciso valorizar as heranças e saberes populares do folclore, das lendas, dos mitos de povos indígenas, de povos afrodescendentes que, juntamente com os descendentes de imigrantes europeus e asiáticos, fazem o grande caldo cultural brasileiro;

- É preciso se modernizar na literatura, principalmente na poesia, sair daquele verso bem feitinho, tradicional, cheio de palavras consideradas elegantes e cultas, para mostrar a linguagem do povo nas ruas, para mostrar o cotidiano das pessoas.

Produções contemporâneas – este é o período atual em que há muita diversidade de gêneros e de temas; além disso, a veiculação da literatura acontece não somente na forma de livros impressos, mas também em meios digitais.

Agora que você leu um breve panorama da história da literatura brasileira, vamos falar da literatura para crianças. Em vez de falarmos em muitos estilos, vamos nos concentrar em dois, que podem nos dar uma ideia da diferença da literatura produzida por crianças “ontem” (leia-se antigamente), e da literatura produzida por crianças “hoje” (leia-se, atualmente). Para facilitar, vamos usar esta distinção:

Estilo clássico X Estilo moderno

Leia e sinta a diferença entre um poema infantil da época de Olavo Bilac e poemas mais modernos e atuais.

A casa

Vê como as aves têm, debaixo d'asa,
O filho implume, no calor do ninho!...
Deves amar, criança, a tua casa!
Ama o calor do maternal carinho!

Dentro da casa em que nasceste és tudo...
Como tudo é feliz, no fim do dia,
Quando voltas das aulas e do estudo!
Volta, quando tu voltas, a alegria!

Aqui deves entrar como num templo,
Com a alma pura, e o coração sem susto:
Aqui recebes da Virtude o exemplo,
Aqui aprendes a ser meigo e justo.

Ama esta casa! Pede a deus que a guarde,
Pede a Deus que a proteja eternamente!
Porque talvez, em lágrimas, mais tarde,
Te vejas, triste, d'esta casa ausente...

E, já homem, já velho e fatigado,
Te lembrarás da casa que perdeste,
E hás de chorar, lembrando o teu passado...
— Ama, criança, a casa em que nasceste!

(Olavo Bilac, 1949)

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela, não
Porque na casa
Não tinha chão

Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali

Mas era feita
Com muito esmero
Na Rua dos Bobos
Número zero

(Vinícius de Moraes, 1991)

Perceberam as diferenças entre um estilo e outro? Vejamos algumas delas:

	Poema do Bilac	Poema do Vinícius
Linguagem	Formal, moralizante, com palavras incomuns.	Simples, com palavras comuns, divertidas.
Intencionalidade	Dar lição de moral.	Divertir a criança.
Visão de mundo	Visão de um adulto sobre a casa, ameaçando a criança com terríveis consequências, caso ela não partilhe dessa visão.	Visão de uma criança, sem intenção pedagogizante, apenas propiciando o exercício da imaginação.
Ludicidade	Ausente.	Presente.

Por que a literatura infantil é importante na vida das crianças? Quais benefícios ela pode proporcionar? Vejamos:

A leitura do texto literário contribui para o **desenvolvimento linguístico**, seja por apresentar palavras novas que a criança vai aprendendo (**ampliação do vocabulário**), seja porque a criança é convidada a aumentar a **velocidade** da leitura e **dar sentido** àquilo que lê (**fluência leitora**). A participação nas práticas de leitura possibilita às crianças o **domínio progressivo e indireto** da estrutura de **gêneros textuais** e do próprio **funcionamento** da linguagem na modalidade escrita.

Além disso, para falarmos da formação do hábito e do prazer, quando as crianças ouvem ou leem histórias, passam a compreender melhor os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de carinho, curiosidade, dor, perda etc. Também internalizam as experiências das personagens como modelares, em seu inconsciente.

Atividade

As páginas, a seguir, contêm alguns poemas infantis e uma narrativa da cultura popular brasileira. Você só precisa ler, curtir a leitura e fazer uma ilustração para cada texto. Esta é a atividade. Coloque sua imaginação e as cores dos lápis no papel! Divirta-se!

Texto 01

A lua brinca

A lua brinca nas curvas
das coisas enluaradas,

pulando na crista da onda,
velejando nas jangadas...
Brinca na coisa inteira,
no pedaço, na fatia:

No chapéu de couro,
no sabor da melancia.

A lua deita na rede
quando fica cansada,

e se alguém acha graça,
brinca também na risada.

(Autor: Sérgio Meurer. Poema retirado do livro “Cada coisa que parece”)

Texto 02

Planeta samba

O vento assobia,
a árvore requebra,
o mar balança.

No Planeta Samba,
todo mundo tem gingado.

A chuva batuca
o rio desfila
a nuvem dança.

No Planeta Samba,
todo mundo é bem chegado.

(Autor: Ricardo Silvestrin. Retirado do livro “Pequenas observações sobre a vida em outros planetas”)

Texto 03

Saci Pererê

No interior dos estados do Centro Sul do Brasil, os viajantes procuram munir-se de precauções antes de suas viagens. Um rolinho de fumo e uma garrafa de cachaça são fundamentais para garantir uma viagem tranquila e, quem sabe, a fortuna.

Quando cai a tarde, o sol já se pôs no horizonte e o anoitecer toma conta da paisagem, é a hora do perigo. Ele vai aparecer. Primeiro um redemoinho, arrastando consigo as palhas e folhas espalhadas pelo chão. Depois um assobio estridente, de doer a cabeça. E haja paciência e coragem para aturar as molecagens do Saci Pererê.

Esse negrinho baixinho, com apenas um metro e meio de altura, nu, com um gorro vermelho na cabeça e um pito no canto da boca, aparece para atazanar a vida de quem estiver pela frente; gente ou

bicho. Quando pega um cavalo, que laça com destreza, trança sua crina fazendo dela uma espécie de estribo. Monta o bicho e sai em longa carreira pelo campo, mesmo tendo uma perna só.

Apesar de todas as brincadeiras, o saci é considerado um conhecedor das ervas da floresta, da fabricação de chás e medicamentos feitos com plantas, sempre disposto a proteger a fauna e a flora.

(Texto adaptado a partir de Saci Pererê, disponível em <https://dana.com.br/social/nossos-projetos/lendas-brasileiras/saci-perere/> acesso em 27 de setembro de 2020).

E agora, uns poeminhas ilustrados da professora Marta, para você curtir e interpretar:

Vaidosas

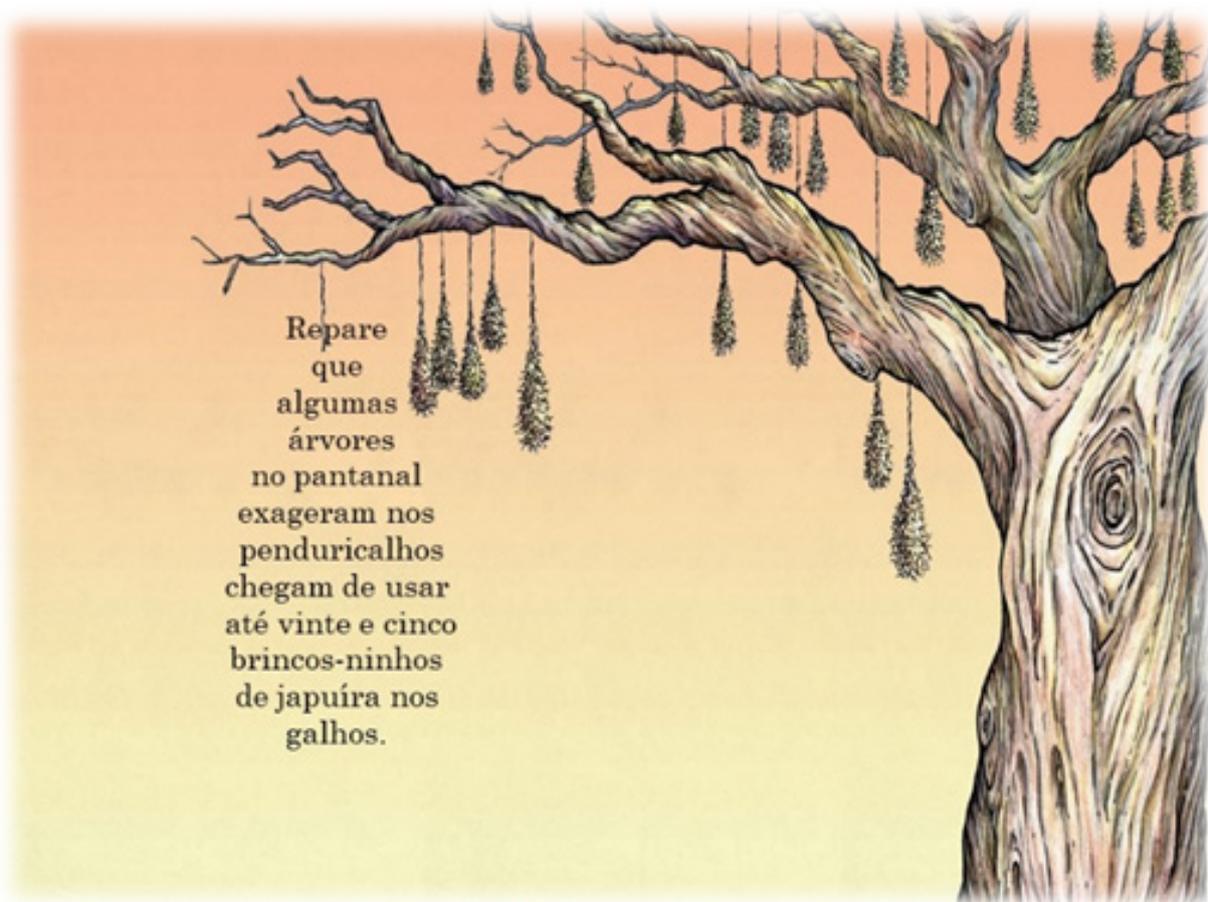


Figura 7: Livro Doce de formiga

Você percebeu que o poema compõe a ilustração do livro? Quando as palavras estão dispostas na página de modo a formar um desenho, um objeto, denominamos esse tipo de poema como concreto.

a) Além da forma, que outros elementos desse poema chamam a sua atenção?



Figura 8: Livro Doce de formiga

a) E você, quando olha para a lua, o que enxerga? Você concorda que uma mesma coisa pode ser interpretada, lida, de modo diferente, dependendo do ponto de vista?

Despertador

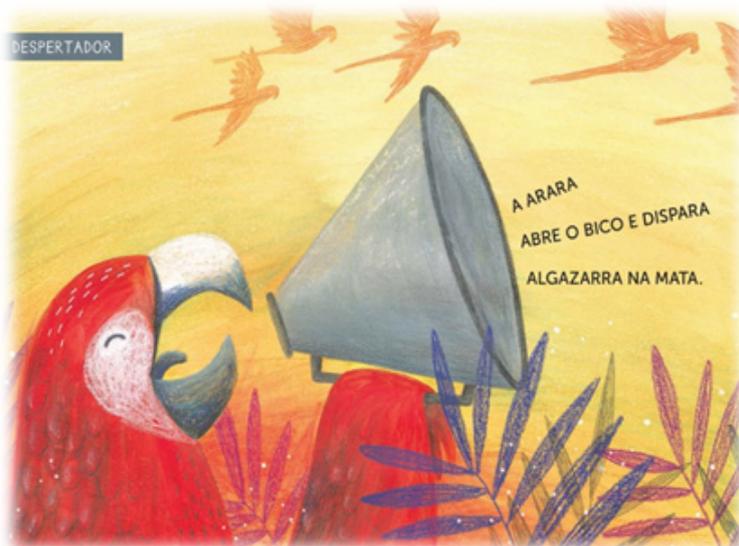


Figura 9: Livro Sabichões

a) Conte quantas vezes a letra “a” aparece no poema. Essa repetição contribui para deixar o poema mais ‘barulhento’? (você sabia que quando um som de uma vogal se repete muitas vezes num poema, a gente denomina esse recurso de assonância?)

Carriola



Figura 10: Livro Sabichões

a) Quantas vezes o “r” e o “tr” se repetem? O que o som dessas letras pode sugerir nesse poema?

Você sabia que quando um som de uma ou mais consoantes se repetem num poema, denominamos esse recurso de aliteração?

Estilingue



Figura 11: Livro Sabichões

a) Na sua opinião, o título estilingue é apropriado para o poema? Por quê?

b) Você acha que esse poema seria um bom ponto de partida para falar sobre cadeia alimentar com as crianças? Qual a opinião das suas respectivas culturas sobre a cadeia alimentar?

E agora, alguns textos divertidos da cultura popular brasileira. Apenas para você ler e se divertir:



Figura 11: Livro Armazém do folclore



Figura 12: Livro Armazém do folclore

E, continuando nossa conversa, uma historinha bacana para você ler!



Figura 13: Livro Armazém do folclore

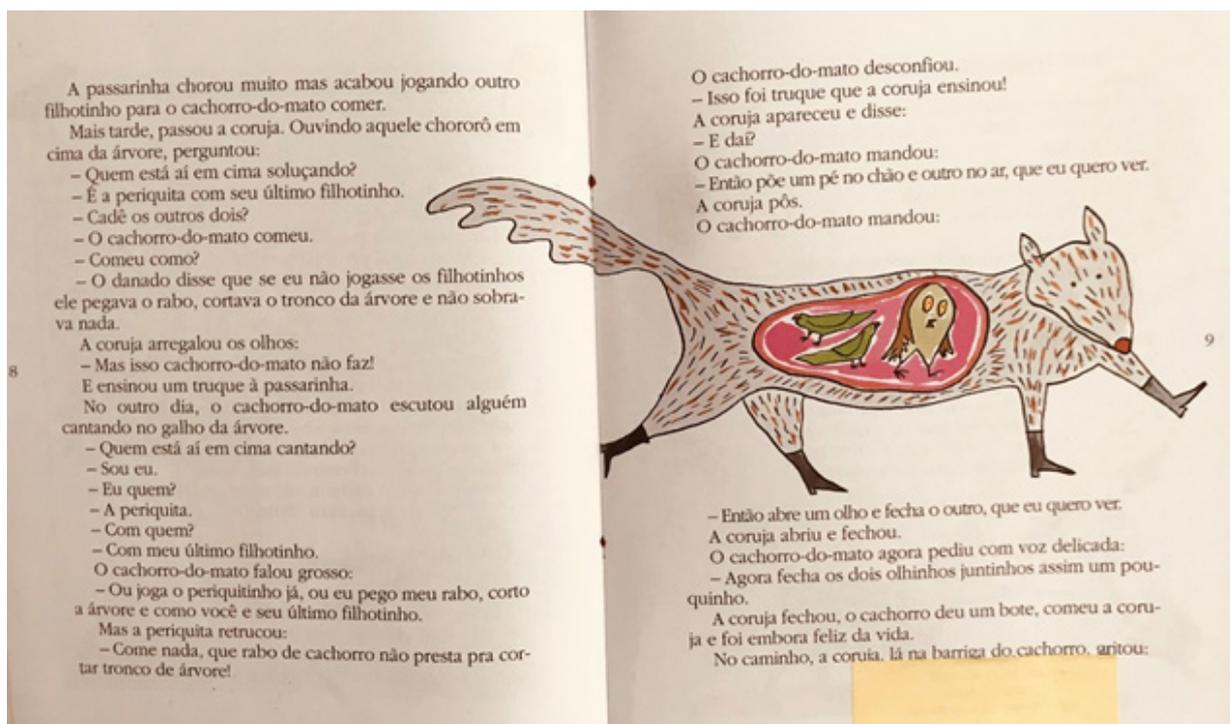


Figura 14: Livro Armazém do folclore

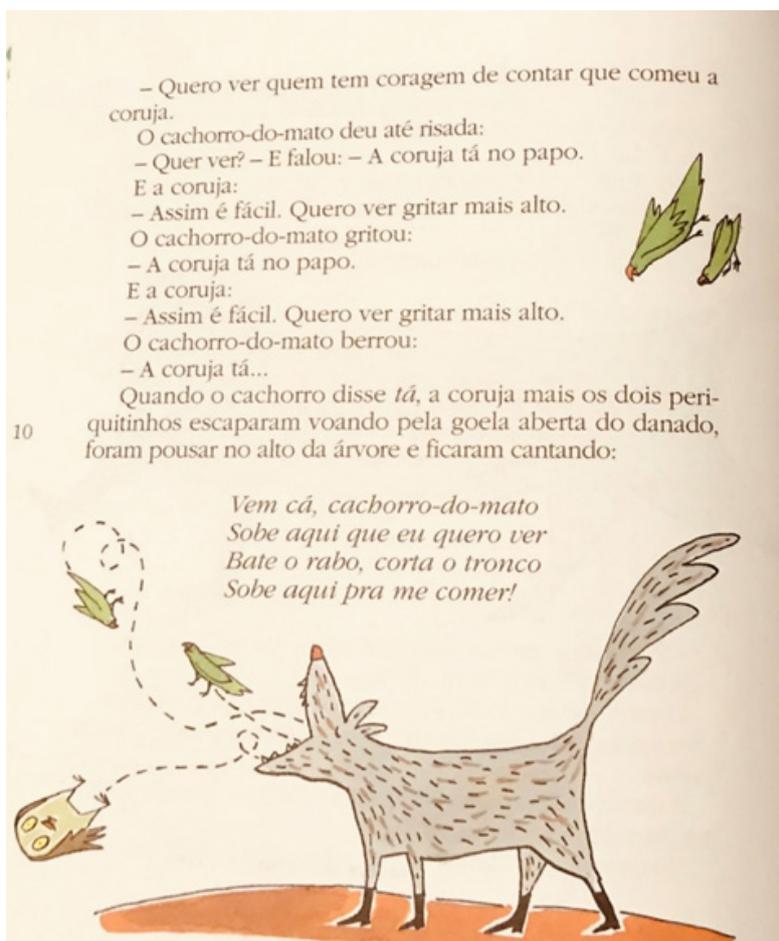


Figura 15: Livro Armazém do folclore

UNIDADE III – LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA

Quando lemos os livros famosos da literatura brasileira, percebemos que há, em boa parte deles, a expressão de um pensamento conservador e escravocrata que permanece até hoje. Há algumas exceções, algumas obras tentaram denunciar esse pensamento.

Vamos reproduzir aqui um texto importante retirado do site Brasil Escola que mostra como o negro foi, na maioria das vezes, representado:

Personagens negros na literatura brasileira canônica: os estereótipos

O negro aparece na literatura brasileira muito mais como tema do que como voz autoral. Assim, a maioria das produções literárias brasileiras retrata personagens negras, a partir de pontos de vista que evidenciam estereótipos. Trata-se de uma produção literária escrita na maioria das vezes por autores homens, brancos ou miscigenados, em que o negro é objeto de uma literatura reafirmadora de estigmas raciais.

O professor e pesquisador Domício Proença Filho aponta como principais estereótipos:

O escravo nobre

Aqui o negro seria aquele que é fiel, submisso, que supera todas as humilhações e vence a crueldade dos senhores pelo branqueamento. É o caso da personagem protagonista de *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, publicado em 1872 e adaptado como novela de televisão pela Rede Globo, em 1976, e pela Rede Record, em 2004. Isaura é filha de mãe negra e pai português, e tem a pele clara. Veja um trecho do romance, em que Isaura conversa com sinhá Malvina:

“– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.

[...]

– Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trastes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura?

– Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar.”

O diálogo transparece e reafirma os paradigmas vigentes: a branquitude como sinônimo de beleza, a herança africana como maldita, a benevolência dos senhores para com a escrava, a perpetuação desse estado de coisas que se encerra com a fala de Isaura “sei conhecer o meu lugar”.

O negro vítima

Criado para exaltar o projeto abolicionista, aqui o negro é retratado também com a submissão servil, vítima de um sistema desumano. É o caso de diversos poemas de Castro Alves, tais como A cruz da estrada, em que a morte aparece como a única chance de libertação do negro escravizado, ou mesmo o célebre O navio negreiro, em que o poeta relembra os perversos anos do tráfico negreiro e menciona grandes nomes europeus, como Colombo e Andrada, mas não há sequer uma menção à resistência negra, aos quilombos, a Zumbi ou Luiza Mahin.

“Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.”
(versos finais de A cruz da estrada, Castro Alves)

A esse estereótipo associa-se, também, o do escravo fiel e passivo, presente em diversas obras, como em Mãe Maria, conto infantil de Olavo Bilac, publicado no livro Contos Pátrios (1904):

“Comprar e vender escravos era, naquele tempo, uma coisa natural. Ninguém perguntava a um negro comprado o seu passado, como ninguém procurava saber de onde vinha a carne com que se alimentava ou a fazenda com que se vestia. De onde vinha a velha Maria, quando, logo depois de meu nascimento, meu pai a comprou? Sei apenas que era africana; e tinha talvez um passado terrível: porque, quando a interrogavam a esse respeito, um grande terror lhe dilatava os olhos, e as suas negras mãos reluzentes e calejadas eram sacudidas de um tremor convulsivo. Conosco, a sua vida foi quase feliz.” (Olavo Bilac, Mãe Maria)

Vê-se a naturalização da escravidão e do apagamento completo do passado da personagem, em que “africana” oculta suas origens e todos os termos prestam-se a uma indefinição de Maria. A ausência da família contribui para enquadrá-la sob o paternalismo branco, “quase feliz”.

O negro infantilizado

Caracterizado como subalterno e serviçal, é o estereótipo que o coloca como incapaz. Está presente em obras como O demônio familiar (1857), de José de Alencar, e O cego (1849), de Joaquim Manuel de Macedo. Domício Proença Filho associa, ainda, esse estereótipo à animalização de Bertoleza, personagem de O Cortiço (1900), de Aluísio Azevedo:

“Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo: essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo: pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem.” (O Cortiço, Aluísio Azevedo)

É o caso também de Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato, confinada à cozinha onde trabalha a serviço de uma família branca, apresentada como “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena” (Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*), cujas histórias são frequentemente desqualificadas pelas outras personagens:

“– Pois cá comigo – disse Emília – só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto!

[...]

– Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora!” (Monteiro Lobato, *Histórias de Tia Nastácia*)

O negro animalizado, hipersexualizado e pervertido

Presente em *O bom crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, é o personagem negro que encarna a homossexualidade, tida à época como perversão. É o caso também do romance *A carne* (1888), obra de Júlio Ribeiro, que associa as liberações dos instintos sexuais da protagonista (branca) Lenita a promiscuidades com os escravos.

Aparece, também, na figura de Rita Baiana, de *O Cortiço* (1900), e em diversas obras de Bernardo Guimarães, como *Rosaura: a enjeitada* (1883):

“Adelaide era como o leitor já sabe, de uma beleza plástica e mais provocadora. O seio túrgido, sempre arfando em mórbida ondulação, parecia o ninho da ternura e dos prazeres; o olhar, a um tempo cheio de meiguice e de fogo, como que derramava fulgores divinos sobre toda a sua figura; as faces róseas os lábios purpurinos eram como esses pomos vedados, que no paraíso seduziram os progenitores da humanidade e ocasionaram sua primeira culpa; e o porte dotado de elegância natural, com suas voluptuosas ondulações e meneios graciosos pareciam estar cantando eternamente o hino de amor e de volúpia; as feições, não muito corretas, eram animadas por uma fisionomia de tão encantadora expressão, que impunha a adoração, sem dar tempo à observação.”

A erotização e objetificação da mulher negra é um dos estereótipos mais comuns, não só da literatura brasileira, como da representação das mulheres pretas de forma geral – desde Gregório de Matos, poeta seiscentista, até a recém-extinta personagem da *Globeleza*, vinheta que ficou 26 anos no ar pela Rede Globo, mostrando sempre uma mulher negra nua como ícone do Carnaval.

Literatura negra

Foi, principalmente, a partir da década de 1960, com o fortalecimento dos movimentos sociais organizados por negros e negras, que esse cenário começou a mudar. Em busca de romper com essa centenária coletânea de preconceitos e estereótipos veiculados pela literatura canônica brasileira que, frequentemente, diminui ou apaga personagens negros, autores e autoras negros e negras passaram a publicar suas próprias obras como instrumento de subjetivação e determinação cultural.

Conceição Evaristo, por exemplo, tem a maioria de suas obras protagonizadas por mulheres negras e, é a partir do substrato de

suas vivências e de sua interioridade que se constroem os versos e tramas de sua obra.

(FONTE DE CONSULTA: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/a-representacao-negro-na-literatura-brasileira.htm>
Acesso em 20/09/2020)

E em Mato Grosso?

Em Mato Grosso, uma das vozes mais expressivas da literatura produzida por negros e que denuncia as condições do negro marginalizado, é a de Lobivar Matos, ainda na primeira metade do séc. XX.

Atualmente a voz mais expressiva é de Luciene Carvalho, membro da Academia Mato-Grossense de Letras. Mas há outros escritores e escritoras surgindo com uma literatura de qualidade. Inclusive, uma autora que escreve para crianças, Neusa Baptista.

Que tal lermos um livro infantil desta autora? O livro que aparece na foto chama-se Bia, Tatá e Ritinha, mas nós leremos outro livro chamado Cabelo Ruim?.



Figura 16: <https://conexaoplaneta.com.br/blog/cabelo-ruim/>

E como ocorre a representação do indígena na literatura brasileira?

Literatura de informação

Nas cartas, documentos e relatos que os primeiros viajantes europeus, especialmente, portugueses e franceses escreviam, o indígena aparece como um ser exótico, muito diferente do europeu.

Na Carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, observam-se referências à nudez, aos cabelos lisos e pretos, aos cocares etc. Além dessa literatura, chamada informativa, nesse período, destaca-se a produção poética do jesuíta Pe. Anchieta, com o propósito de catequização, conversão dos povos ao cristianismo católico.

Poemas épicos do período equivalente ao Arcadismo

No Brasil, praticamente não houve poesia épica. Mas a historiografia literária registra dois poemas épicos em que o indígena é representado: O Uruguay, de Basílio da Gama, e Caramuru, de Santa Rita Durão. Em O Uruguay, é retratada a famosa expulsão, por parte dos portugueses, dos jesuítas da região da Missões no Rio Grande do Sul, onde havia um povoamento indígena muito grande. Essa expulsão se deveu a uma nova divisão de terras entre Espanha e Portugal. Um dos personagens indígenas é o Sepé Tiaraju, que virou um personagem ao mesmo tempo histórico e mítico.

Obras do período romântico

No Romantismo, o indígena foi representado como legítimo brasileiro, o nativo. Além disso, com os autores Gonçalves Dias e José de Alencar a corrente indianista ganhou força.

Em alguns poemas de Gonçalves Dias, estão presentes temas como a colonização e a destruição da cultura de povos indígenas, a coragem e bravura dos povos, a prática cultural da antropofagia, em alguns povos, com sentido religioso, e as lutas entre diferentes povos indígenas. Ex.: I-Juca Pirama; Confederação dos Tamoios; Canto do Piaga, Leito de folhas verdes e o poema inacabado Os Timbiras.

José de Alencar escreveu três romances indianistas, mas apenas um é dedicado à vida indígena: Ubirajara. Nesse romance, são registrados costumes e rituais indígenas. De acordo com a bibliografia que o romancista coloca nas primeiras edições, as informações foram extraídas de livros de viajantes. O romance O Guarani é considerado o símbolo da formação da nacionalidade brasileira. O enredo é centrado nas personagens Ceci (mulher

branca) e Peri (homem indígena). Há um episódio em que ocorre um ataque de uma aldeia indígena à fazenda do pai de Cecília e Peri desempenha importante papel na luta em defesa dos amigos brancos, correspondendo a uma visão idealizada do indígena (valente, fiel), a partir do olhar eurocêntrico. No romance Iracema, a personagem mulher é indígena, Iracema, que se une ao branco Martin. Dessa união, nasce o filho Moacir, que significa “filho da dor”. Muitos críticos consideram esse romance uma espécie de metáfora do nascimento do Brasil como nação, à custa de muita dor dos seus primeiros habitantes.

Realismo-naturalismo e parnasianismo

No Realismo, quase não há menção ao indígena. José Veríssimo e Inglês de Sousa escreveram juntos o livro Contos amazônicos, no qual aparecem alguns traços de populações indígenas da Amazônia. E além de não haver registros muito precisos da cultura indígena, o livro teve pouca repercussão, provavelmente, porque naquela época, a preocupação por parte dos naturalistas era com o cientificismo, e a dos poetas era com uma “poesia civilizada”, que imitava o modelo dos parnasianos franceses. Com isso, não houve a devida valorização de uma interessante pesquisa acerca do imaginário amazônico e suas narrativas populares.

Modernismo

No Modernismo, logo no início, houve muitas movimentações para uma reinterpretação da realidade brasileira, por parte de escritores, pintores, músicos. Assim, os povos indígenas começaram a figurar nas obras artísticas. Destacam-se os textos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e outros. Depois da década de sessenta, João Guimarães Rosa escreve o conto Meu tio, o Yauaretê e Darcy Ribeiro escreveu Maíra, considerado por alguns críticos o maior exemplo de indianismo na nossa literatura. Mais tarde, Márcio Souza, natural da região amazônica, escreve romances em que o indígena é representado.

Atualmente alguns autores indígenas se destacam no cenário

da literatura brasileira, expressando em suas obras as vivências dos seus povos. Entre eles, destacam-se: Olívio Jekupé, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku...

(Este texto é uma síntese construída a partir da leitura de artigos na internet, entre os quais o de Fernando Carvalho: A presença indígena na ficção brasileira, disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2609>).

E em Mato Grosso?

Não encontramos um estudo sobre o tema. Alguns autores apresentam em seus livros alguns poemas com temática indígena, ou algum personagem indígena. Não sabemos se há uma obra especificamente com temática indígena. Destacamos, entre os poetas, Pedro Casaldáliga, bispo de São Felix do Araguaia, recentemente falecido, que se dedicou à defesa de povos indígenas e pequenos posseiros nas disputas de terras com latifundiários.

Recentemente, o jornalista Alexandre Rolim, depois de passar uma temporada com os Haliti-Paresi, escreveu uma obra juvenil denominada “Tikare - alma de gato”.

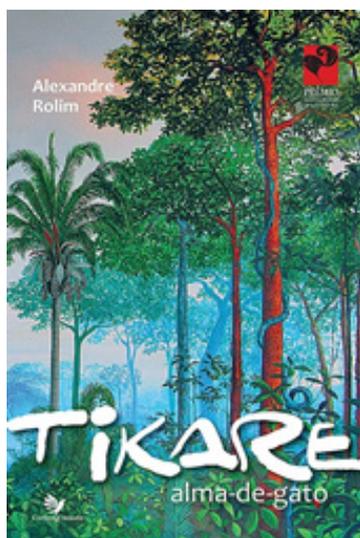


Figura 17: foto da capa



Figura 18: foto do autor

Unidade IV - PRODUÇÕES ORIGINÁRIAS (PIBID DIVERSIDADE) / SUGESTÃO

Esta unidade é apenas para você ler, conhecer os trabalhos feitos por colegas indígenas durante o PIBID/DIVERSIDADE e, principalmente, para você se inspirar, porque o nosso desafio para você é este:

Produza uma história, em prosa ou versos, que expresse suas vivências quando criança. Pode ser uma aventura, podem ser conflitos, pode ser um fato engraçado ou até triste. Crie livremente. Ilustre sua história. Distribua o texto ao longo das páginas para não deixar muito extenso e cansativo. Procure lembrar seu tempo de criança e escrever como se você fosse uma criança. Mais ou menos 12 a 32 páginas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Armazém do Folclore**. São Paulo: Ática, 2000.

BRANDINO, Luiza. A representação do negro na literatura brasileira; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/a-representacao-negro-na-literatura-brasileira.htm>. Acesso em 20 set.2020.

CARVALHO, Flavio. A presença indígena na ficção brasileira. **Itinerários**, Araraquara, nº 11, 1997, pp. 49-53. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2609>. Acesso em 10 set. 2020.

COCCO, Marta Helena. **Doce de formiga**. Ilustrações de Marcelo Velasco. Cuiabá-MT: Tanta Tinta, 2014.

_____. **Sabichões**. Ilustrações de Vanessa Prezoto. Cuiabá-MT: Tanta Tinta, 2016.

História da Literatura Infantil no Brasil. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/historia-da-literatura-infantil-no-brasil.html> Acesso em: 04 set. 2020.

KEZO, Luciano Ariabo. **Boloriê: A origem dos alimentos**. São Carlos, SP: LEETRA/UFSCar, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Canção da tarde no campo**. Ilustrações Ellen Pestilli. 4 ed. São Paulo: Global, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Um dia na aldeia: uma história munduruku**. Ilustrações de Maurício Negro. Editora Melhoramentos: São Paulo, 2012.

PINTO, Neusa Baptista. **Cabelo ruim?: a história de três meninas aprendendo a se aceitar**. Ilustrações de Nara Silver. Cuiabá: Tanta Tinta Editora, 2007.

SCAFF, Ivens Cuiabano. **A fábula do quase frito**. 2 ed. Ilustrações de Wander Antunes. Cuiabá: Tempo Presente, 1997.

Biografia dos autores



Marta Cocco é professora de Literaturas da Língua Portuguesa da Unemat, doutora em Letras e Linguística, pesquisadora do grupo Ler (Unemat/CNPq) e autora de 12 livros, sendo 4 infantis.

Link para acessar o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/8858419768775627>



Isaiás Munis Batista é docente de Língua Portuguesa da Unemat, mestre em Letras, doutorando em Linguística (PPGL/Unemat) e Coordenador do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (Unemat/FAINDI – Turma 2006/2)

Link para acessar o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9477828530104279>



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

